

## **O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO**

Lucia Aparecida Albuquerque CUNHA<sup>1</sup>

Professora de Língua Portuguesa no Colégio Municipal Monsenhor Stanislaw –  
Olivedos/PB.

[lucialetras@gmail.com](mailto:lucialetras@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo principal propor uma sequência didática voltada para o Ensino Médio focando o trabalho com a variação linguística. O que se deve observar é como as variedades são trabalhadas dentro do espaço escolar, principalmente quando atrelada ao ensino tradicional de língua portuguesa e relacionado a isto, de que forma elas poderiam ser trabalhadas de maneira que fique explícita a sua importância para o ensino-aprendizagem, até mesmo por se tratar de um conteúdo instigador quando ampliado com o ensino escolar de língua portuguesa e é por isso que surge o estímulo em propor uma revisão de concepção e método de ensino. Partindo do pressuposto de que é possível estudar e descrever a variação, e que a variação está intimamente relacionada a fatores estruturais e sociais, deve se ter como finalidade uma nova perspectiva de ensino, o da pedagogia da variação linguística, em concordância com a educação de língua portuguesa tradicional, o ensino de gramática e norma-padrão. O referencial teórico que embasa este trabalho - que foca uma proposta didática de ensino - apóia-se principalmente em: Bagno (2007; 2002; 1999), Bortoni-Ricardo (2005; 2004), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Hora (2004), Labov (2008), entre outros.

**Palavras-chave:** Variação Linguística; Ensino; Sequência Didática.

---

<sup>1</sup> Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Português pelas Faculdades Integradas de Patos – Campina Grande/PB.

## 1 INTRODUÇÃO

*Pois é. U purtuguêis é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im portuguêis, é só prestátenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muito diferenti. Qui bom qui a minha língua é u purtuguêis. Quem soubé falá, sabi iscrevê.*

Jô Soares. *Revista Veja*, 28 de novembro de 1990

O estudo da variação tem sido amplamente discutido em pesquisas científicas na área linguística, mas ainda há muito a se divulgar principalmente no âmbito escolar do Ensino Fundamental e Médio.

As observações feitas pela sociedade e por educadores, considerando determinadas construções da linguagem escrita como erro, precisam ser estudadas de forma a redefinir novos padrões de conduta no âmbito sócio-educacional. Destas construções, surge a noção de erro em forma de preconceito linguístico<sup>2</sup>. Entretanto, o que é o erro? Para desmitificar tal questionamento é preciso combatê-lo e, como aponta a Sociolinguística, é necessário estudar as diferenças, divulgá-las adequadamente e constatar que elas precisam ser consideradas.

A escola não pode tomar a atitude linguística de que vale tudo, de que não existe o certo e o errado, porque tudo comunica [...]. A língua é falada por pessoas e as pessoas usam e abusam da língua, inclusive para justificar seus preconceitos. Portanto, a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português. (CAGLIARI, 1990, p. 48)

Desse modo, pode-se observar que a difusão do conhecimento de variedade linguística de maior prestígio (baseada na tradição gramatical normativa) constitui um processo que afeta profundamente todos aqueles que por ele passam. Por conseguinte, os que não conseguem êxito neste processo são identificados como *os diferentes*. Entretanto, a

---

<sup>2</sup> Marcos Bagno, em seu livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, põe em evidência a importância de reconhecermos a diversidade linguística de nosso país para que, com isto, o ensino da língua portuguesa não se torne, por vezes, e como é chamado, um "ensino de língua estrangeira". Isto já se dá, pois, por muito tempo, as escolas têm prestigiado somente o ensino da língua padrão, desprestigiando e desconsiderando qualquer outro tipo de registro. Neste caso, o preconceito mostra-se forte e presente: assunto que merece ser debatido!

sociedade esquece que esta diferença é a consequência de uma educação formal de baixa qualidade. Esta educação não instrumentaliza os educandos de certos parâmetros que lhes permitiriam reconhecer com mais exatidão as posições sociais ou medir a desigualdade.

Por essa razão, considera-se imprescindível que os professores tenham acesso a conhecimentos linguísticos – bem como sociolinguísticos e psicolinguísticos – que lhes permitam fundamentar criticamente sua prática pedagógica.

Este artigo tem como objetivo central propor uma sequência didática voltada para o Ensino Médio, focando o trabalho com a variação linguística. Para alcançar tal objetivo, a ancoragem teórica parte das abordagens da Sociolinguística Variacionista, da Variação Linguística relacionada ao ensino de língua materna e nos estudos teóricos sobre Sequência Didática, para então, propor uma sequência.

É um trabalho que pretende apontar a importância da atenção que os professores de Língua Portuguesa devem ter com relação às propostas de ensino, principalmente dos professores que atuam no Ensino Médio (EM). Para este destaque, consideramos o fato de que alunos do EM vão prestar exames de diferentes contextos e precisam estar preparados. Precisam atentar, principalmente, para a diversidade e mudanças que acontecem na língua em concordância com o ensino tradicional de língua materna, que atualmente ganha cada vez mais novas possibilidades de atuação e metodologias diversas, sobretudo, ao que concernem às leituras, interpretações, análises e produções escritas, visando a variedade de textos pertencentes a diferentes gêneros textuais e discursivos que são abordados em sala de aula.

## 2 A TEORIA DA VARIAÇÃO

Em 1968, com base na proposta de Weinreich, Labov e Herzog, surge a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, com o intuito de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando em conta o seu uso variável. A referida teoria opõe-se às abordagens da linguística estruturalista e da gerativista em cujas considerações excluem-se os aspectos variáveis e sociais.

Silva (2008) cita que a teoria da variação linguística capta exemplares, em situações reais de comunicação, da língua em uso num contexto social e dirige seu foco para os condicionamentos externos.

A teoria da variação centra-se na relação de conjunto língua e sociedade, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. A variação da língua constitui, portanto, um dado relevante da teoria e da descrição sociolinguística.

O pressuposto básico da teoria da variação linguística, segundo Labov (1972 *apud* HORA, 2004), é o de que a “heterogeneidade, ou variação, é inerente a todo sistema linguístico e não é aleatória”, mas ordenada por restrições linguísticas e extralinguísticas. E são estas restrições que levam o falante a usar certas formas e não outras quando faz uso da língua falada. Ainda para Labov (*apud* HORA, 2004, p. 16), “estudar a língua – aspecto social – a partir de cada indivíduo e a fala – postulada como individual – inserida no contexto social constitui um paradoxo”. Sobre tal assunto, para Naro (2008):

o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras categóricas que obrigam o falante a usar certas formas (*a casa*) e não outras (*casa a*), também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. (NARO, 2008, p. 15)

Mollica e Braga (2008) complementam que a variação linguística está presente em todas as línguas naturais, constituindo-se, portanto, um objeto de estudo considerado pela Sociolinguística que a entende como um princípio geral e universal que pode ser analisada e descrita cientificamente.

Nesses termos, a variação convive com forças de estabilidade, pois a face heterogênea da língua é regular, sistemática e previsível, em virtude de seus usos serem

controlados por variáveis, dentre as quais se mencionam os marcadores regionais, os indicadores de estratificação linguístico-social e a variável de gênero.

Portanto, é precípuo à Teoria da Variação considerar a língua em seu contexto sócio-cultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade emerge dos usos linguísticos concretos e pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua.

### 3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA

Os alunos – crianças, adolescentes ou adultos – quando chegam à escola já sabem a língua. Considerando este saber e, conforme pesquisas linguísticas e documentos oficiais parametrizadores, o ensino de língua portuguesa deve desenvolver a *competência comunicativa* levando em conta: uso de formas orais em situações diferentes das cotidianas; processos argumentativos e de raciocínio crítico; análise das interações verbais, produções discursivas, e atividades cognitivas e reflexão sobre a língua e seus usos.

Sob essa ótica, o papel principal do professor é propiciar a mudança, ou seja, levar o aluno a usar formas linguísticas consideradas de prestígio – ou variedades prestigiadas<sup>3</sup> – e também refletir sobre a norma – padrão<sup>4</sup> priorizada pela gramática normativa. Para isto, no entanto, o professor precisa de formação teórico-metodológica adequada sobre o funcionamento da língua, a fim de incorporar a análise linguística a suas aulas e possibilitar, ao aluno, a reflexão sobre usos da língua que vão além da gramática normativa.

Essa formação inclui conhecimentos sobre variação linguística em produções orais e, principalmente, escritas, que envolvam os gêneros textuais, dos mais simples aos mais complexos, como, por exemplo, do bilhete ao artigo (este, em suas diversas variações).

Como muitos autores que estudam a relação entre variação linguística e escola, Bortoni-Ricardo (2005) aponta que a escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante e tudo o que se afasta dela é defeituoso e deve ser eliminado. Para a autora é por isto que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Assim, os alunos que

---

<sup>3</sup> De acordo com Bagno (2003), as variedades prestigiadas podem ser explicadas da seguinte maneira: *a nomenclatura variedades prestigiadas é utilizada para designar as variedades linguísticas faladas pelos cidadãos com alta escolarização e vivência urbana.*

<sup>4</sup> Ainda segundo Bagno (2003), a norma-padrão é uma nomenclatura utilizada para designar o modelo ideal de língua; algo que está afora e acima da atividade linguística dos falantes.

chegam à escola falando “nós chegemu”, por exemplo, têm de ser respeitados e suas peculiaridades linguístico-culturais devem ser valorizadas. Eles têm o direito de aprender as variantes de prestígio. Não pode ser negado a esses alunos o conhecimento, sob penas de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. Ainda segundo a estudiosa, a língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, é preciso levar em conta as variáveis extralinguísticas – socioeconômicas e históricas – que lhe condicionam a evolução. A função da escola é justamente desenvolver outras variedades que vão se juntar ao vernáculo básico.

Desse modo, é importante que fique claro para o educando que a língua é sócio-histórica, por isto está em constante transformação e varia de acordo com o sexo, a etnia, o grau de escolaridade, comunidade, tensão discursiva, profissão do falante, o contexto em que ele está inserido e com a modalidade (oral ou escrita). Assim, é necessário ter em mente que não existe um modo de falar “superior” ou “inferior”.

Segundo Votre (2008), é preciso atribuir à escola o mérito de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola é necessária para fazer a mudança linguística, porém, ela não a faz sozinha. Ainda para este autor, a escola pode quebrar a lacuna que há entre a língua coloquial e a língua culta, com professores que façam adequadamente o uso da língua culta, exemplificando, explicando as diferenças linguísticas e mostrando a importância de se saber o padrão culto na sociedade em que vivemos.

A respeito desse assunto, Bagno (2002), afirma que

parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de *todas as variedades sociolinguísticas*, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32)

Como vimos, não se trata, portanto, de substituir uma variedade por outra, mas reconhecer as outras modalidades expressivas e, assim, conseguir diminuir as atitudes discriminatórias resultantes de se considerar a variedade culta como única, correta.

Nesse conjunto, outras ações vão se incorporando. É o que acontece com a noção de erro, por exemplo. Enquanto na visão normativo-tradicional o *erro* é visto como uma falta de coerência com a norma culta, nos estudos sociolinguísticos ele é observado como uma construção inadequada à situação.

A respeito disso, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que o professor confunde erro de ortografia com erro de português; em muitos casos, o professor e as escola condenam e reprovam o aluno, embora erro de ortografia não seja erro de português. Bortoni-Ricardo (2004) é uma das autoras que traz um amplo debate sobre a noção de “erros” dos alunos. É importante ressaltar que a autora não aborda o erro como uma questão de “certo” ou “errado”, mas sim de “adequação” e/ou “inadequação”, postura que aluno e professor podem adotar em sala de aula.

#### **4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: CONCEITOS TEÓRICOS**

Sabendo que o professor não pode interferir no aprendizado do aluno de forma aleatória e impensada, surge o que chamamos de *Sequências Didáticas*, que são procedimentos encadeados de passos ou etapas, que abordam um gênero textual que se pretende ensinar. São ainda atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, passo a passo, organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem dos seus alunos e envolvendo sempre atividades de aprendizagem e de avaliação.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), a sequência “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Suas principais características são: o trabalho com gêneros de textos com a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor o gênero em questão, desenvolvendo sua capacidade de escrever ou falar de forma mais adequada de acordo com a situação, levando-o a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

Devemos verificar que sequências didáticas são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática. Logo, poderemos analisar as diferentes formas de intervenção segundo as atividades que se realizam e, principalmente, pelo sentido que adquirem quanto a uma sequência orientada para a realização de determinados objetivos educacionais.

Portanto, é necessário um trabalho que começa com a leitura, proporcionando ao aluno o trabalho com diferentes gêneros textuais, passando pela escrita, através de atividades de produção textual inseridas em contextos reais de interação e atingindo seu auge com o estudo gramatical, atividade esta que só pode ser desenvolvida com êxito por alunos competentes em exercícios de leitura e de escrita.

## **5 UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO: DE QUE FORMA PODE SER TRABALHADA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA?**

Esta proposta de ensino apresenta característica **interdisciplinar** – Língua Portuguesa, Literatura, Geografia, História e Artes –, pensando que o ensino de língua precisa ser plural, pois é com a pluralidade que se faz necessário o trabalho de leitura, de escrita e de produção textual ancoradas nos gêneros textuais, atentando-se para as variedades e mudanças da língua. Eis a sequência proposta.

### **Introdução:**

As variações linguísticas podem ser entendidas por meio de sua história no tempo (variação histórica) e no espaço (variação regional). Assim, além do português padrão, há outras variedades de usos da língua cujos traços mais comuns podem ser evidenciados no linguajar dos alunos nas salas de aulas, ficando deste modo claro o fenômeno de mescla linguística, a qual o Brasil é objeto. Portanto, esta proposta com o ensino da variação linguística visa levar os alunos a perceberem o uso da língua materna e as modalidades na sua forma oral e escrita, apresentando um ensino dinâmico de variações diatópicas, onde o foco seja a compreensão da interferência da fala na escrita.

### **Justificativa:**

De acordo com as orientações dos PCN (1999), que traz como proposta de tema transversal a *pluralidade cultural* que também se revela na diversidade linguística, o aluno será capacitado a identificar palavras em desuso que ajuda a ampliar seu vocabulário, as substituições escritas feitas por hábitos orais que nos levam a adaptar a oralidade na grafia; fazer graficamente um estudo de aumento ou diminuição da popularidade da língua, de costumes e da população e o ajudará a entender certas atitudes e causas históricas do nosso povo.

### **Objetivos Gerais:**

- Refletir sobre a língua e suas variações;
- Compreender a língua como heterogênea;
- Identificar contextos e adequações;

- Distinguir as características entre língua padrão (escrita) e vernáculo brasileiro (fala);
- Estimular o espírito do aluno pesquisador-investigador.

### **Procedimentos Metodológicos – Desenvolvimento:**

#### **Primeira parte (6 aulas):**

- **Conteúdo:** Língua Portuguesa no mundo – principais autores de expressão no mundo: Camões, Fernando Pessoa, José Saramago, Jorge Amado, Guimarães Rosa etc. Podem ser incluídos, também, autores africanos.
- **Objetivo:** Promover uma discussão sobre a língua portuguesa e seus principais autores literários, relacionando os textos lidos e analisados às mudanças linguísticas.
  - Nesta etapa, será feita apresentações de documentários, como exemplo do documentário “*Língua – vidas em português*” dirigido por Victor Lopes, que exhibe uma entrevista com Saramago. Leitura de textos dos autores supracitados, recital e músicas. Um exemplo de música que pode ser trabalhada em sala de aula é “Zazulejo” da autoria de Fernando Anitelli – *O teatro Mágico* (ver em anexo).

#### **Segunda parte (6 aulas):**

- **Conteúdo:** Contextualização histórica da língua portuguesa no Brasil e sua diversidade linguística: africano, indígena e português na época da colonização e, posteriormente, a chegada dos imigrantes europeus e de outros povos.
- **Objetivo:** Entender os contextos históricos e as adequações da língua portuguesa a partir da diversidade linguística.
  - Nesta etapa, os alunos farão entrevistas com falantes de outras regiões: históricos de vida, comidas típicas, expressões regionais, traços linguísticos etc. Ocorrerá a apresentação destas entrevistas como meio de socializar o trabalho realizado. Também serão analisados trechos de falas transcritas de pessoas da região, a exemplo de transcrições de estudos realizados pelo

VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), coordenado pelo professor Dermeval da Hora - UFPB - João Pessoa. Os próprios alunos poderão realizar transcrições de fala de modo simples a partir das entrevistas elaboradas e, diante disto, pode ser feito em sala de aula um trabalho de análise linguística. Eles serão estimulados a observarem a língua e seus elementos estruturais: ortografia, sintaxe, fonologia e a análise de aspectos semânticos discursivos, tendo como base as transcrições.

### Terceira parte:

- **Conteúdo:** Leitura e análise de literatura de cordel, elaborada pelos próprios alunos ou de autores conhecidos. Análise do preconceito linguístico, principalmente, retratado pela mídia. Leitura e análise de partes do livro: *“Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?”* da autoria de Marcos Bagno.
- **Objetivo:** Conscientizar os alunos sobre o preconceito linguístico, fazendo com que eles entendam as diferenças e observem a língua como manifestação cultural.
  - Nesta etapa, os alunos serão estimulados a analisarem as diversidades da língua através da literatura “popular”, que é conhecida por eles e poderão ter o compromisso de elaborar também alguns versos, podendo ter a liberdade de trabalhar a língua popular de uma forma simples e dinâmica. Poderão perceber que a adequação da língua em contextos sociais de uso faz-se necessário e que ignorar as diversidades poderá acarretar em *Preconceito Linguístico*. A leitura de textos a respeito deste assunto poderá instigar os alunos a terem uma nova visão da língua portuguesa, nem sempre estudada da maneira como esperam as contemporâneas necessidades conceituais de língua e de ensino de língua.

O objetivo maior da aplicação de uma Sequência Didática em sala de aula – como a apresentada acima – faz com que os alunos do Ensino Médio encarem os diversos níveis de aprendizagem e o estudo da língua não mecanicamente ou como uma “decoreba” de regras que, muitas vezes, para eles nada significam. Em sua maioria, não conseguem realizar uma leitura além da superfície. Não há interlocução com os textos, o que acarreta total falta de articulação do conhecimento. Solicitar a um aluno que explique com as próprias palavras um assunto, supostamente compreendido, pode ser um imenso desafio. Como, porém, desfazer a

imagem de desnecessário que o estudo da língua materna carrega? Como fazer para que os alunos percebam sua importância? Não se maquia a língua e se finge, simplesmente, sabe-se que o estudo da gramática não se impõe como fundamental.

Muitas vezes se trabalha com a variação linguística em sala de aula apenas mostrando contextos regionais e sociais através de charges, textos bem conhecidos e, como mesmo bem coloca Marcos Bagno, em seu livro *“Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação”*, os livros didáticos de português muitas vezes só trabalham com as tiras de Chico Bento (não desmerecendo a sua importância!) para mostrar as variedades regionais que já se tornou uma “rotina” seguida pelos professores que não atentam para materiais “ricos” em diversidades da língua e que estão ao nosso alcance. É necessário, além de reverter esta visão, que o ensino da língua portuguesa vise uma reformulação que se coadune com o objetivo de formar cidadãos críticos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de uma proposta de sequência didática que tenha como objetivo o ensino da variação linguística visa aproximar as mudanças que ocorrem na língua portuguesa à realidade do ensino.

Este trabalho apresenta a importância da variação linguística e de sua abordagem diferenciada em sala de aula, além de apresentar toda a mitologia e preconceito que envolve este tema tão importante.

Os estudos de Bagno, por exemplo, apresentam como esse preconceito foi enraizado na realidade linguística brasileira, além de identificar muitos fatores que alimentam a ideia de que só deve usar e estudar a língua considerada padrão. Pudemos observar em seus estudos os fatores diversos que causam e reafirmam a variação linguística e que com estas justificativas não se deve minimizá-las, mas, sobretudo, respeitar o diferente e, a partir dele, refletir e investigar as causas das variações.

O ensino de língua portuguesa passou por várias mudanças nas últimas décadas e até hoje vemos um grande interesse acerca dos objetivos que o ensino de língua deve priorizar, tendo por base, principalmente, os parâmetros e as orientações curriculares nacionais e locais. Estes documentos sugerem mudanças na perspectiva teórico-metodológica as quais são imprescindíveis à qualidade do ensino que se deve oferecer à sociedade. E, nesta perspectiva, o ponto final deste trabalho – com uma proposta de sequência didática – é apenas uma pausa para novas tarefas.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. *A norma oculta - língua & poder na sociedade brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora? - Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Brasil – SEMTEC. *Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa: ensino médio*. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1990.

DOLZ, J., NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

HORA, D. Teoria da Variação: trajetória de uma proposta. In: \_\_\_\_\_. *Estudos linguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Palotti, 2004.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAGARES, X. C.; BAGNO, M. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. – *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 43-50.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, Mercado de Letras, 1997.

SILVA, V. L. P. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 67-71.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 51-57.

## ANEXO

### Música Zaluzejo – Fernando Anitelli

#### O Teatro Mágico

Ah eu tenho fé em Deus... né?  
 Tudo que eu peço ele me ouci... né?  
 Ai quando eu to com algum pobrema eu digo:  
 Meu Deus! me ajuda que eu to com esse problema!  
 Ai eu peço muito a Deus... ai eu fecho meus olhos... né?  
 eu Deus me ouci na hora que eu peço pra ele, né?  
 Eu desejo ir embora um dia pra Recife  
 não vou porque tenho medo de avião, de torro...de terroristo  
 ai eu tenho medo né?  
 Corra tudo bem... se Deus quiser... se deus quiser..."  
 Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,  
 graxite, vrido, zaluzejo  
 "eu sou uma pessoa muito divertida"  
 Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,  
 graxite, vrido, zaluzejo  
 "não sei falar direito"  
 Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,  
 graxite, vrido, zaluzejo  
 "não sei falar"  
 Tomar banho depois que passar roupa mata  
 Olhar no espelho depois que almoça entorta a boca  
 E o rádio diz que vai cair avião do céu  
 Senhora descasada namorando firme pra poder casar de véu  
 Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,  
 graxite, vrido, zaluzejo  
 "não sei falar"  
 Quando for fazer compras no Gadefour:  
 Omovedor ajectu, sucritcho, leite dilatado, leite intregal,  
 Pra chegar na bioténica, rua de parelepídico  
 Pra ligar da doroviária, telefone cedular  
 Pigilógico, tauba, cera lítica, sucritcho,  
 graxite, vrido, zaluzejo  
 "não sei falar"  
 Quando fizer calor e quiser ir pra praia de Cararatatuba,  
 cuidado com o carejangrejo  
 Tem que ta esbeldi, não pode comer pitz, pra tirar mal hálito  
 toma água do chuveiro  
 No salão de noite, tem coisa que não sei  
 Mulé com mulé é lésba e homi com homi é gay

Mas dizem que quem beija os dois é bixcional...  
só não pode falar nada,  
quando é baile de carnaval  
Pra não ficar prenha e ficar passando mal, copo d'água  
e pílula de ontemproccional  
Homem gosta de mulher que tem fogo o dia inteiro,  
cheiro no cangote, creme rinsa no cabelo  
Pra segurar namorado morrendo de amor  
escreve o nome num pepino e guarda no refrigerador,  
na novela das otcho, Torre de papel,  
Menina que não é virge, eu vejo casar de véu  
Se você se assustar e tiver chilique,cuidado pra não morrer  
de palaladi cadique  
Tenho medo da geladeira, onde a gente guarda yogute,  
porque no frio da tomada se cair água pode dá cicrutche  
To comprando um apartamento e o negócio ta quase no fim  
O que na verdade preocupa é o preço do condostim  
O sinico lá do prédio, certa vez outro dia me disse:  
Que o mundo vai se acaba no ano 2000 é o que diz o acalipse  
Tenho medo de tudo que vejo e aparece na televisão  
Os preju do Carajundu fugiram em buraco cavado no chão  
Terrorista, assassino e bandido, gente que já trouxe muita dor  
O que na verdade preocupa é a fuga do seucrostador  
Seucrosta quem não tem dinheiro, quem não tem emprego  
e não tem condução  
Documento eu levo na proxeca porque é perigoso carregar na mão  
Mas quando alguém te disser ta errado ou errada  
Que não vai S na cebola e não vai S em feliz  
Que o X pode ter som de Z e o CH pode ter som de X  
Acredito que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz  
"E eu sou uma pessoa muito divertida...  
eles não inventavam nada... eu gostava de inventar as coisa  
não sei falar direito...  
inventar uma piada, inventar uma palavra, inventa uma brincadeira...  
não sei falar  
me da um golinho... me da um golinho..."  
E com muito prazer que eu convido agora todos aqueles  
que estão ouvindo esta canção  
Para entoar em uníssonos o cântico: Omovedor, Carejangrejo  
Vamos aquecer a nossa voz cantando assim:  
Iô,iô,iô. Iô,iô,iô,iô, eu digo:  
Omovedor, Carejangrejo, Omovedor, carejangrejo... Omovedor!  
"omovedor... carejangrejo... só isso que eu tenho pra falar falar!"